

OBSERVATÓRIO INVESTIGA SABERES TRADICIONAIS E PRÁTICAS INTEGRATIVAS PARA APOIAR O SUS



Com este primeiro número do boletim Evidências, o ObservaPICS inicia o diálogo com a comunidade do Sistema Único de Saúde e os grupos de pesquisa que desenvolvem estudos sobre saberes tradicionais e práticas integrativas de saúde. O observatório nasceu em novembro de 2018, diante da necessidade de agregar experiências práticas de equipes de saúde, conhecimento técnico e científico sobre essa forma de cuidado e da

busca pela aproximação com saberes de comunidades tradicionais.

São objetivos do ObservaPICS estimular a reflexão sobre modelos de saúde, auxiliar profissionais e gestores do SUS na implantação das PICS e no contato com saberes tradicionais. Pesquisadores e consultores técnicos de diferentes instituições, vão analisar experiências, debater conceitos, qualificar resultados, informar e apontar respostas.

Da organização do grupo colaborador às primeiras oficinas, levantamentos parciais do observatório indicam a implantação crescente de práticas integrativas no SUS, presentes em 4.323 municípios brasileiros, a existência de 568 grupos de pesquisa no Brasil estudando de princípio ativo de plantas medicinais a aspectos antropológicos das tradições de cura. Conheça a seguir outras informações. Boa leitura!

**4323**

Municípios com PICS

**15960**

Unidades do SUS oferecendo práticas integrativas

**568**

Grupos de pesquisa

CONFIRMADOS BENEFÍCIOS DA AURICULOTERAPIA NA CHIKUNGUNYA**3****FARMÁCIA VIVA: O EXEMPLO DO MUNICÍPIO DE BETIM (MG)****4****A CONCEPÇÃO VITALISTA DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS****7**

ÍNDICE

- 3 Ciência** – Estudo comprova ação da auriculoterapia na reabilitação pós-chikungunya
- 4 Experiência** – Como implantar a Farmácia Viva, o exemplo de Betim
- 7 Reflexão** – A contribuição das PICS no SUS, por Madel Luz e Marilene Nascimento

NAS REDES

O ObservaPICS mantém perfis em redes sociais para disseminar informações produzidas pela equipe técnica, replicar experiências do SUS e divulgar resultados de pesquisas sobre saberes tradicionais e práticas integrativas. Acompanhe e participe das discussões.



@ObservaPICS



@ObservaPICS



divulga.obervapics@gmail.com

EXPEDIENTE

Evidências é o boletim quadrimestral do Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde, editado pela Secretaria Nacional do Observatório, com sede na Fiocruz Pernambuco*. A publicação é digital e pode ser acessada gratuitamente pelo site www.observapics.fiocruz.br. É permitida a reprodução das informações aqui divulgadas, desde que citada a fonte.

Equipe Responsável

Islândia Carvalho (Coordenação geral), **Maria Eduarda Guerra** (assistente da coordenação), **Veronica Almeida** (redação e edição), **Bruno Leite** (diagramação).

Conselho Editorial

Adriana Falangola (UFPE), **Bernardo Coutinho** (UFC), **Charles Tesser** (UFSC), **Danilo Guimarães** (USP), **Gelza Nunes** (SES-MG), **Islândia Carvalho** (Fiocruz-PE), **Joseane Costa** (Unifesspa), **Luíza Garnelo** (Fiocruz-AM), **Maria Eduarda Guerra** (Fiocruz-PE), **Marilene Nascimento** (UFF e Abrasco), **Nelson Filice** (Unicamp), **Ricardo Ghelman** (Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa) e **Vivian Camacho** (Bolívia).

*Fiocruz-PE, 4º andar, Sala 7, Campus da UFPE, Cidade Universitária, Recife-PE. Contato preferencialmente pelos e-mails observapics@gmail.com e divulga.observapics@gmail.com (este último para assuntos do site e do boletim).

COLABORE

Ajude o ObservaPICS a agregar conhecimento sobre práticas integrativas e complementares em saúde. Escreva para nossa equipe contando a experiência do seu serviço de saúde com essa forma de cuidado. No site www.observapics.fiocruz.br há um espaço reservado para receber sua colaboração. Clique, preencha o formulário e nos envie as informações principais. Também escreva divulgando cursos e eventos relacionados às PICS e aos saberes tradicionais indígenas. Recebemos indicação de publicações, sugestões de temas ou dúvidas a serem esclarecidas pelo Conselho Editorial do **Evidências** ou por nossos consultores técnicos. Escreva para divulga.observapics@gmail.com.

AURICULOTERAPIA AJUDA NA REABILITAÇÃO DE DOENTES INCAPACITADOS POR CHIKUNGUNYA

Estudo desenvolvido por programa de doutorado interinstitucional das Universidades Federais de Minas Gerais (UFMG) e do Ceará (UFC) mostrou que a auriculoterapia ajuda na reabilitação de pacientes com chikungunya, aliviando a dor, recuperando a força muscular e a mobilidade. A febre chikungunya é uma das arboviroses que se disseminaram rapidamente no Brasil desde 2016, transmitida pelo *Aedes aegypti*. São frequentes dores nas articulações que ultrapassam a fase aguda da infecção.

“O ensaio mostrou que a prática pode ser uma alternativa não-farmacológica segura e efetiva para o manejo dos pacientes”

- Bernardo Coutinho

“A auriculoterapia pode ser uma alternativa não-farmacológica segura e efetiva para o manejo dos casos sintomáticos de chikungunya”, explica Bernardo Diniz Coutinho, professor do Departamento de Fisioterapia da UFC, coordenador do Grupo de Atenção Integral e Pesquisa em Acupuntura e Medicina Tradicional Chinesa (Gaipa-UFC), projeto de extensão da instituição. Ele é autor do ensaio clínico que mostrou benefícios da auriculoterapia terapia complementar. Os resultados, parte de sua tese de doutorado em Ciências da Reabilitação defendida em

2018, estão disponíveis no portal da Capes. Os dados completos devem ser publicados em breve.

O procedimento atua nas zonas neuroreativas do organismo a partir de estímulos em pontos energéticos localizados na orelha. O estudo observou pacientes que receberam a estimulação com sementes de mostarda. A terapia foi aplicada de forma complementar, associada ao tratamento convencional com medicamentos para dor, hidratação e repouso. “A auriculoterapia potencializou os resultados clínicos”, esclarece Coutinho. Ele explica que estudos internacionais recentes, baseados em metanálises de ensaios clínicos randomizados controlados, mostram a efetividade e a segurança da auriculoterapia para a redução da dor. “Pesquisas pré-clínicas em animais e clínicas, como as realizadas pelo grupo do professor Adair Roberto Santos do Programa de Pós-Graduação em Neurociências da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mostram a capacidade da auriculoterapia de mediar efeitos antiinflamatórios e modular a nocicepção (algesia, recebimento de estímulos periféricos) e a dor”.

O QUE É?

Auriculoterapia ou **acupuntura auricular** tem origem nas medicinas chinesa e francesa, sendo a experiência brasileira uma fusão dos dois conhecimentos. Os estímulos às zonas neuroreativas promovem uma regulação psíquico-orgânica e podem ser provocados também por agulhas e esferas de aço, ouro, prata, plástico ou sementes de mostarda.

Fonte: Glossário Temático PICS – Ministério da Saúde, 2018.



Foto: Paulo Rocha, CNPICS.

FORMAÇÃO PELO SUS

A Coordenação Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde oferece neste primeiro semestre de 2019 curso de auriculoterapia para profissionais de nível superior da atenção básica em 12 polos formadores espalhados em todas as regiões do país. Mais de 1700 profissionais participam das aulas ministradas em parceria do Ministério da Saúde com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Desde 2016 mais de 7.500 profissionais já foram capacitados. Conheça outras formações em PICS, na modalidade à distância no <https://avasus.ufbrn.br>

FARMÁCIA VIVA: O EXEMPLO DE BETIM (MG)



Foto: Divulgação/Altervir Zardinello - CNPICS

Prevista desde 2010 na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPICS), a Farmácia Viva tem possibilitado resultados positivos em diferentes municípios brasileiros, com relatos de boa aceitação entre usuários e profissionais, melhor adesão ao tratamento e redução de efeitos adversos. O ObservaPICS coletou detalhes da experiência de Betim, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG), iniciativa que brotou antes da institucionalização no SUS e se desenvolveu com a PNPICS. Esse modelo de assistência farmacêutica engloba cultivo, coleta, processamento, armazenamento, manipulação e dispensação de plantas medicinais.

Em Betim (MG), município com mais de 400 mil habitantes, a Farmácia Viva foi implantada em 2004 pela Secretaria Municipal de Saúde e o custo anual de manutenção do serviço, incluindo produção de fitoterápicos e também manipulação de homeopáticos, gira em torno de R\$ 1 milhão, informa a farmacêutica responsável, Jaqueline Guimarães. Segundo ela, são produzidos 83 tipos de fitoterápicos a partir de 25 plantas medicinais. A farmácia também distribui 73 homeopáticos.

“Com a implantação da Farmácia Viva no município observamos um declínio no consumo de alguns medicamentos alopáticos cuja prescrição tornou-se menos frequente pelos profissionais de saúde. Entre eles podemos citar o salbutamol xarope pelo xarope de *Mikania glomerata* (para tosse e bronquite); o diazepam pela tintura de *Melissa officinalis* (hipnótico e sedativo); o creme de sulfadiazina de prata pelo creme de calêndula com barbatimão (tratamento de feridas), o óleo mineral pelo óleo de girassol (auxiliar do processo de cicatrização)”, descreve a farmacêutica do município.

Para Jaqueline, a implantação da fitoterapia no sistema público de saúde é uma alternativa terapêutica eficiente e viável, em todos os níveis de atenção à saúde. “Reduz os custos dos medicamentos, diminui

a incidência de efeitos colaterais, amplia as opções terapêuticas e proporciona excelentes resultados clínicos restabelecendo de forma mais suave e duradoura a saúde do paciente”, observa. Ela destaca ainda a receptividade dos pacientes, reconhecendo no uso dos fitoterápicos seus costumes e tradições culturais, além da adesão crescente dos profissionais de saúde.

“A fitoterapia diminui a incidência de efeitos colaterais, proporcionando excelentes resultados clínicos”

- Jaqueline Guimarães

Mensalmente são manipulados e dispensados pela Farmácia Viva de Betim cerca de 6 mil unidades de fitoterápicos, totalizando mais de 60 mil anuais, atendendo prescrições de serviços como unidades básicas de saúde, de pronto-atendimento, maternidade, centro de referência em saúde mental, banco de leite humano, serviço de acompanhamento de recém-nascido de alto risco e diferentes clínicas do hospital regional. “A fitoterapia se mostrou de grande aplicação e resolutividade, não só na atenção primária, como também na secundária e na terciária. Seu emprego hoje na atenção terciária se dá principalmente no tratamento de feridas e queimaduras, na prevenção de escaras em pacientes acamados e nos cuidados à lactante e ao recém-nascido”, completa Jaqueline.

continua na próxima página ▶

▼ continuação

A Farmácia Viva SUS/Betim teve seu início em abril de 2004, impulsionada pelas necessidades detectadas por profissionais de saúde do município. Menor custo em relação aos medicamentos sintéticos, baixa incidência de efeitos colaterais, valorização e resgate da cultura popular, crescente interesse da comunidade na utilização de plantas medicinais, necessidade de orientar os usuários quanto ao uso correto e seguro dessas espécies e a possibilidade de ampliar as opções terapêuticas influenciaram a decisão.

Para implantar a farmácia, foram capacitados 450 agentes comunitários de saúde para entrevistar 3.500 usuários, levantando informações sobre plantas mais utilizadas, preparo e uso. Esse processo orientou a seleção das 25 espécies cultivadas, escolha que se baseou também na validação científica, condições de cultivo na

licitou o produto, estando, assim, disponível a quem precisa dele.

No cultivo, optou-se por agroecologia e agricultura familiar, por meio do Projeto Arranjo Produtivo Local/Betim, para produção de sete espécies medicinais (alecrim, calêndula, capim cidreira, guaco, maracujá, erva cidreira, cavalinha). Os fitoterápicos padronizados na Farmácia Viva passaram a compor a Relação Municipal de Medicamentos Fitoterápicos Essenciais, REMUNE – FITO, medida que fortaleceu o programa e incentivou a aceitação por parte dos profissionais do SUS-Betim, informa o programa. Em 2018, a Farmácia Viva de Betim também começou a produzir alimentos funcionais para prevenção e cura de quadros clínicos acompanhados por nutricionistas, como diabetes, obesidade, hipercolesterolemias. Também em parce-



região e aplicação a quadros clínicos mais comuns na comunidade passíveis de tratamento com fitoterapia.

Foram desenvolvidas 83 formulações padronizadas e elaborados protocolos de prescrição para orientar os profissionais de saúde, tais como enfermeiros, médicos, dentistas e nutricionistas. Ao todo, são 650 trabalhadores do SUS capacitados para a prescrição dos fitoterápicos em Betim. Farmacêuticos e auxiliares de farmácia da rede municipal também passaram por capacitação. Foram realizados encontros educativos junto a comunidade “Vamos tomar um chá?”, com palestras e discussões sobre o uso racional e seguro das plantas medicinais.

Para que o medicamento fitoterápico chegue ao usuário ficou estabelecido um fluxo. Como o atendimento é descentralizado, o usuário entrega a receita na farmácia da unidade de saúde de referência e esta envia a demanda à Farmácia Viva. No dia seguinte, o medicamento manipulado chega ao serviço que so-

ria com a agricultura familiar, tornou-se fonte de geração de renda e melhoria de qualidade de vida dos agricultores. O projeto oferece aos usuários farinha de maracujá, de berinjela e de banana verde.



83
Formulações



25
Espécies cultivadas



650
Profissionais capacitados



Foto: Divulgação/Ananda Beváqua.

A EXPERIÊNCIA COM PLANTAS NA UNIVERSIDADE

No Centro Acadêmico da Universidade Federal de Pernambuco em Vitória de Santo Antão (CAV-UFPE), estudantes e professores de cursos da saúde e a comunidade local têm trocado conhecimento sobre plantas medicinais a partir de um horto didático, implantado a partir de 2011. O objetivo da iniciativa é recuperar saberes populares e tradicionais, discuti-los cientificamente, gerando informação e formação em fitoterapia. O Espaço Farmácia Viva é uma ação de extensão em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, que faz diálogo também com os serviços de saúde da atenção básica. O professor de Saúde Coletiva René Martins, responsável pela iniciativa, informa que o horto ocupa 134,4 metros quadrados com 15 canteiros. Há sala de triagem, laboratório de manipulação, sala de formação. Detalhes da iniciativa estão publicados em artigo na Revista Vittalé, de Ciências da Saúde da FURG, volume 30, número 1.

RODAS DE CONVERSA NO DF

No Distrito Federal, o Projeto de Fitoterapia nasceu em agosto de 1989, tornando-se Farmácia Viva em 2013, três anos após a institucionalização promovida pelo Ministério da Saúde, explica Nilton Luz, da Secretaria de Saúde. Atualmente são atendidos quase 30 mil usuários com a oferta de nove fitoterápicos produzidos a partir de sete espécies. O Núcleo de Farmácia Viva dá assistência a 19 unidades de saúde cadastradas. Para Luz, os desafios atuais são o cultivo de novas espécies medicinais; aumento da produção e oferta de fitoterápicos a todas as unidades de saúde do DF da atenção primária. O Cerpis de Planaltina, provavelmente o espaço de práticas integrativas mais antigo do Distrito Federal, teve origem com uma horta de plantas medicinais. Lá, ocorrem quinzenalmente rodas de conversa com a comunidade sobre experiência pessoal ou familiar com fitoterápicos.



CULTIVO NO JARDIM BOTÂNICO

No Recife, existe projeto aprovado para implantação de uma Farmácia Viva, que funcionará fisicamente no mesmo espaço da Unidade de Cuidados Integrativos Professor Guilherme Abath, o primeiro centro especializado em PICS da rede municipal. A coordenação municipal de práticas integrativas adianta que o cultivo das plantas medicinais será desenvolvido no Jardim Botânico, numa parceria entre as Secretarias Municipais de Saúde e de Meio Ambiente. O Centro Guilherme Abath conta com uma farmácia homeopática, que manipula e dispensa medicamentos para a rede do município.

CONTRIBUIÇÃO DAS PICs NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Autoria: Madel Luz e Marilene Nascimento

As práticas integrativas e complementares (PICs), recomendadas por organizações internacionais de saúde (OMS e OPAS) desde a segunda metade do século passado, têm em comum a proposta de acolher e cuidar das pessoas como um todo. Por isto as PICs, quando tratam do sofrimento localizado, tendem também a estimular a pessoa cuidada a perceber tensões e conflitos relacionáveis aos sintomas físicos que apresenta, e a compreender valores, crenças e comportamentos associados a seu modo de conceber e lidar com questões que impactam a sua saúde.

Fortalecer a autonomia dos pacientes e empoderar as pessoas por meio do cuidado de si parece contrariar àqueles que querem manter a população dependente de produtos e serviços de saúde caros, muitas vezes invasivos e iatrogênicos. Afinal, a quem as PICs incomodam? Jargões que as acusam de pseudocientíficas escondem interesses reacionários e forjam uma ideia arcaica que limita o cuidado em saúde ao controle de sintomas ou patologias.

Cuidar da saúde é mais do que isto. A doença não se manifesta apenas no corpo, mas está presente também nas relações familiares, sociais e com o meio ambiente, como têm descrito estudos epidemiológicos e demográficos recentes. Manifesta-se ainda na forma como as pessoas concebem e buscam realizar sua existência no mundo. O ser humano não se

reduz a um corpo, muito menos a uma parte dele: é também um conjunto de valores, concepções e crenças, experiências, expectativas, frustrações etc. E a doença que o acomete expressa, para além de alterações biológicas, desarmonias no jeito de andar a vida, tanto pessoal como coletiva. De acordo com experimentações e descobertas das ciências humanas, o adoecimento é também uma forma de exprimir, ou denunciar relações sociais hostis.

Afirmar que o cuidado proposto pelas PICs vai além do controle de sintomas ou alterações nos tecidos ou metabolismo humano significa dizer, em outras palavras, que as práticas integrativas e complementares se apoiam em uma concepção vitalista. O vitalismo em saúde tem raízes que remontam à antiguidade ocidental clássica, bem como antigas tradições médicas não ocidentais, e está sendo retomado com grande expansão no momento pós-moderno, reunindo práticas tradicionais de origem popular, etnológica ou experimental, no estilo científico atual.

Desta perspectiva, as PICs valorizam fortemente estudos científicos, baseados em metodologias de observação sistemática validadas na produção do conhecimento, por entender que a ciência oferece ferramen-

tas estratégicas para guiar a ação humana na saúde, no ambiente, e em outros campos da vida. As PICs valorizam também, na atenção à saúde, a cultura, os sentimentos e comportamentos, e a expressão pessoal do ser humano adoecido, por entender que este é ao mesmo tempo artífice e produto da cultura, entendida como campo de compartilhamento de conhecimentos, crenças, valores, artes, técnicas, costumes, leis, comportamentos etc.

Esta visão ampliada, que considera os pressupostos científicos em suas interfaces com as dimensões biológica, mental, social, cul-

tural, ambiental e espiritual da existência humana no pensar e agir do cuidado em saúde, agrega valor às ciências atuando no cuidado da vida, por ser capaz de acolher o sofrimento humano em sua complexidade e singularidade. Ao lado disto, potencializa a contribuição das

PICs na prevenção de doenças e na promoção da saúde.

Há, ainda, uma tentativa de associar as PICs ao desperdício de dinheiro e desrespeito ao cidadão, fruto de concepções estreitas e rígidas da vida e da saúde, especialmente no contexto atual de crise econômica, política, ética e de valores. Crise que gera lucros financeiros expressivos para uma diminuta parcela da população ao custo de sofrimento e vulnerabilidade de um grande contingente de pessoas. Ao buscar os serviços de saúde, essas pessoas se beneficiam da oferta de práticas como a homeopatia, a terapia comunitária integrativa, a acupuntura,

“A doença não se manifesta apenas no corpo, mas está presente também nas relações familiares, sociais e com o meio ambiente, como têm descrito estudos epidemiológicos e demográficos recentes.”

continua na próxima página 

▼ continuação

as ervas medicinais e a fitoterapia, a meditação, a biodança e tantas outras modalidades de cuidado regulamentadas pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, do Ministério da Saúde, com o aval da Organização Mundial da Saúde.

Contribuir com a medicina convencional na atenção à saúde, e não substituí-la. É com esta proposta que as PICs estão no SUS, e são oferecidas de maneira paralela, complementar ou integrada aos medicamentos, cirurgias e demais procedimentos oferecidos pela medici-

na convencional. A alta aprovação atestada em pesquisas, por parte de usuários dos serviços, estudantes e um número crescente de profissionais de saúde, faz com que cada vez mais pessoas busquem essa proposta ampliada de cuidado.

E, como toda boa ciência, a concepção que sustenta as PICs, além de propositiva, questiona estratégias de controle do setor da saúde por organizações poderosas, envolvidas com muito dinheiro, público inclusive. Mexer nessa estrutura contraria interesses disfarçados de cuidado. É injusto com a população

fazer das PICs cortina de fumaça para uma “ciência” enviesada, em vez de questionar os ralos produzidos no orçamento público e na saúde por quem mais lucra com ela.

** Madel e Marilene são cientistas sociais da área de Saúde Coletiva, coordenadoras do GT Abrasco de Racionalidades Médicas em Saúde.*

COMPARTILHE

II CONGREPICS

Acontecem de 14 a 17 de novembro de 2019, em Lagarto (SE) o II Congresso Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (CongrePICS) e o IV Encontro Nordestino de PICS (PICSNE).

BIBLIOTECA VIRTUAL

Com 2,5 milhões de publicações científicas e técnicas sobre PICS, a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) especializada em medicina tradicional, complementar e integrativa não vai parar por aí. A coleção é reforçada constantemente e promete oferecer ao leitor, conforme Verônica Abdala, da BVS, informações analíticas sobre o catálogo, a nova etapa do projeto. Tudo para que os interessados tenham acesso fácil ao seu interesse de pesquisa. Somente sobre homeopatia já são mais de 14 mil títulos. Fitoterapia ultrapassa 72.800. Acesse <http://mtci.bvsalud.org/pt/>.

ATORES MOBILIZADOS

Câmaras Técnicas do Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo criaram em abril deste ano um Grupo de Trabalho em PICS para discutir a atuação de profissionais de enfermagem em diversas técnicas que constam na Resolução Cofen nº 581/18. A notícia foi compartilhada pela Rede Nacional de Atores em PICS, um dos parceiros do ObservaPICS. A Rede PICS é composta por profissionais que realizam as práticas no SUS e em outros espaços. Promove a troca de informações diariamente por meio de página no Facebook. <https://www.facebook.com/RedePICSBrasil/>.

MAPA DE EVIDÊNCIAS

O Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa, criado em 2017, está montando mapas de evidências para as 29 PICS reconhecidas no Brasil. O grupo formado por pesquisadores iniciou um cadastro de todos os cientistas que estudam o tema em diferentes campos. Foram cadastrados até o momento mais de 600 nomes vinculados a 60 universidades do país. O médico Ricardo Ghelman, pesquisador da USP e presidente do Consórcio, concedeu entrevista ao ObservaPICS. Confira no nosso site www.observapics.com.br.



OBSERVAPICS

Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde